

Olhares Infantis: brincando e lutando na Ocupação Guarani Kaiowá

Children's looks: playing and fighting in the Guarani Kaiowá occupation

Frederico Alves Lopes¹
UEMG

RESUMO

Qual é o papel das crianças na luta pela terra e moradia? Busca-se uma análise do protagonismo infantil em uma Ocupação urbana, denominada Guarani Kaiowá, localizada em Contagem/MG, Brasil. A metodologia se baseou em oficinas de fotografia e vídeo; observação participante; entrevistas; e, análise documental. As crianças desenvolvem-se brincando e lutando, produzindo o território da GK, com a criação de laços afetivos com o Pé de Manga. Conclui-se que a organização da Ocupação Guarani Kaiowá é uma busca incessante de utopia concreta, pois efetiva, mesmo que sob todas as precariedades, a utopia do direito à moradia. Destarte, as crianças são sujeitos protagonistas, pois, tornando sonhos em realidade, elas brincam ao mesmo tempo em que lutam. Sem negligenciar que a terra é por direito de quem faz dela viva.

Palavras-chave: Protagonismo Infantil; Ocupação Urbana; Guarani Kaiowá; Movimentos Sociais; Educação.

ABSTRACT

What is the role of children in the struggle for land and housing? It seeks an analysis of the role of children in an urban occupation, called Guarani Kaiowá, located in Contagem/MG, Brazil. The methodology was based on photography and video workshops; participant observation; interviews; and, document analysis. Children develop by playing and fighting, producing the territory of GK, with the creation of affective bonds with Pé de Manga. It is concluded that the organization of the Guarani Kaiowá Occupation is an incessant search for a concrete utopia, as it is effective, even under all precarious conditions, the utopia of the right to housing. Thus, children are protagonists, because, making dreams come true, they play while fighting. Without neglecting that the land belongs to those who make it alive.

Keywords: Child Protagonism; Guarani Kaiowá Occupation; Social Movements; Education.

¹ Sociólogo, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Cláudio, Minas Gerais, Brasil. Endereço para correspondência: MG-230, n.33, Cláudio/MG, Brasil. CEP: 35530-000. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-7833-9758> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6783061420488333> E-mail: frederico.lopes@uemg.br. Trabalho realizado sob orientação da Professora Antônia Vitória Soares Aranha (FaE/UFMG).

INTRODUÇÃO

Este texto, excerto da pesquisa de Mestrado em Educação, apresenta uma tentativa de compreensão do protagonismo infantil na luta pela terra e moradia, a partir da análise da organização coletiva das crianças de uma ocupação urbana, denominada Guarani Kaiowá, localizada em Contagem, estado de Minas Gerais, Brasil.

Assistimos, ao longo do século XX e início do XXI, a um processo denominado por Henri Lefebvre (2008) de “Revolução Urbana”. Dos 1,3 bilhões de pessoas do início do século, passamos a 7 bilhões no final do século XX. Dessa população, em 1900 apenas 10% viviam nas áreas urbanas; no ano de 2000, a população urbana superava 65%, indicando um processo irreversível de transformação radical do mapa urbano. Neste contexto, a explosão das cidades e a globalização, longe de diminuir as desigualdades sociais, enfatizaram-na com guinada em direção ao neoliberalismo, intensificando o processo das cidades enquanto valores de troca. David Harvey (2013, p. 29) acrescenta que os resultados desse processo foram gravados nas formas espaciais, tornando-as cada vez mais cidades “de fragmentos fortificados”.

Diante do processo de crescimento das cidades brasileiras e da intensificação das desigualdades sociais, vivenciamos um aumento do déficit habitacional - ou melhor, das “necessidades habitacionais”, como prefere Leonardo Pericles (2016), coordenador do Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB) -, chegando a quase sete milhões de famílias sem casa em todo território nacional (Boulos, 2015).

Frente ao déficit habitacional, surgem, nas variadas capitais brasileiras, as Ocupações Urbanas, entendidas enquanto “identidades territorializadas que exercem posse planejada, pacífica e informal em espaços urbanos não utilizados, subutilizados ou não edificadas e se mantém em mobilização continuada pelo acesso à terra urbana e ao exercício do direito à moradia e à cidade” (DIAS, 2014, p. 32). Neste sentido destaca-se as afirmações de Harvey (2013: 28) acerca do acesso mais amplo ao direito à cidade: “a liberdade da cidade é, portanto, muito mais que um direito de acesso àquilo que já existe: é o direito de mudar a cidade mais com o desejo de nossos corações”.

E na tentativa de mudar a cidade surgiu a Ocupação Guarani Kaiowá, que ganhou seus primeiros contornos na madrugada do dia Internacional da Mulher, 8 para 9 de março de 2013, no bairro Ressaca, município de Contagem, Minas Gerais. Área próxima à divisa com Belo Horizonte, a Ocupação é organizada junto aos movimentos sociais, entre eles Brigadas

Populares (BP) e Movimento de Organização de Base (MOB), dentro de um terreno abandonado acerca de 30 anos, que descumpria a função social da propriedade.

O território da Ocupação localiza-se em um manancial, com águas trazidas pelo córrego Sarandi, afluente do Ribeirão do Onça – este, nascedouro em Contagem, que passa pela região norte de Belo Horizonte, na direção leste-oeste, vazando na Lagoa da Pampulha, até desaguar no Rio das Velhas, um dos maiores afluentes do Rio São Francisco, o Velho Chico.

A Ocupação recebeu esse nome em homenagem à luta da etnia indígena Guarani Kaiowá – mesmo que nenhum das(os) moradoras(es) esteja ligado etnicamente com os povos Guarani -, que enfrenta conflitos com fazendeiros, com o Estado e com empreiteiras envolvidas na implantação de usinas hidrelétricas e avanço da agropecuária em suas reservas, no atual Mato Grosso do Sul.

Em seu início, a Ocupação envolvia 143 famílias dependentes de aluguel ou moradores da Vila Pérola, uma comunidade vizinha à região. E atualmente, seis anos depois, mais de 600 pessoas aproximadamente residem no território. E vale destacar que a maioria das(os) moradoras(es) são crianças, sujeitos nem sempre levados a sério, mas que desempenham importante papel na luta dos movimentos sociais por moradia, como veremos mais adiante.

TEMPOS DE BRINCAR, TEMPOS DE LUTAR

Figura 1: A Bola e a Pedra



Fonte: Crianças GK, 2018.

No início da minha investigação, ao começar o mestrado em Educação, no ano de 2017, o objetivo no princípio era pesquisar como se constituíam as lideranças da Ocupação. Estudando dentro de uma linha de pesquisa sobre Política, Trabalho e Formação Humana, me inclinava, juntamente com a minha orientadora, a compreender como ocorria o processo de formação política dos membros da GK.

Seguindo o conselho de Andrade (militante e ex-morador da Ocupação), quando disse acertadamente: “quem tem expertise para poder falar de ocupação urbana, é quem não tem casa pra morar” (LOURENÇO, 2014, p. 85), iniciei o processo de aproximação mais íntima com as (os) moradoras (es), no intuito de conversar, conhecer mais de perto a dinâmica cotidiana e aprender com as(os) ocupantes.

Encarei a empreitada participando de Assembleias, reuniões, festas, protestos e encontros políticos, entre outros eventos, e frequentando o espaço com mais assiduidade, durante a noite em dias de semana e durante o dia aos sábados e domingos. Nesse início de vivência pude constatar uma facilidade de interação com as crianças do lugar, eram muitas, animadas e participativas. Percebia que as atividades voltadas para as crianças, algumas vezes propostas por apoiadores externos e outras pelas(os) próprias(os) moradoras(os), eram um sucesso, de público e agitação.

Ao chegar à ocupação, pela entrada norte, me deparava sempre com crianças brincando embaixo do Pé de Manga, espaço central da GK. Ali, sem muito esforço, conversava, interagia e brincava com elas: empurrá-las com força no balanço da mangueira eram diversão garantida, formando-se filas para serem jogadas ao alto pelo adulto-criança que sou.

Nesse processo fui desenvolvendo uma sociabilidade com as crianças, com uma definição de quais eram as mais animadas para me receber; quais detinham mais desenvoltura de interação; e como se delineava um protagonismo infantil, para propor o que iriam brincar, como brincar, e quando encerrar as brincadeiras.

A partir do estreitamento de laços cada vez mais fortes com as crianças, cravei que meu objetivo era sim compreender a formação das lideranças na Ocupação, contudo as lideranças infantis, aqueles sujeitos sempre presentes nos espaços, animados e participativos, mas nem sempre vistos e ouvidos.

Não obstante, desde o momento da minha decisão epistemológica, somei junto a ela uma decisão política: não queria realizar uma pesquisa *sobre* as crianças, mas, *com* as crianças. Reduzi-las à meros objetos de estudos é subtrair o que elas detêm de mais potente: o

protagonismo criativo. Priscilla Alderson (2005, p. 423), pesquisadora londrina, chama atenção para o problema: “Reconhecer as crianças como sujeitos em vez de objetos de pesquisa acarreta aceitar que elas podem “falar” em seu próprio direito e relatar visões e experiências válidas”.

A pesquisadora e militante Marina Maia (2017), também na sua investigação etnográfica sobre o desenvolvimento da GK, percebe um protagonismo infantil na sociabilidade da Ocupação. Uma das perguntas contida na sua monografia quanto as atividades construídas pelos apoiadores é: “Por que na maioria das vezes as crianças participavam das atividades propostas, o que contrastava com um número reduzido de adultos?” (MAIA, 2017, p. 20).

Tema ainda pouco explorado pela literatura, compreender o protagonismo infantil nas lutas sociais é um desafio, pois mesmo dentro das investigações de perspectiva crítica, a infância não é observada com a centralidade que merece, restringindo-se aos adultos o caráter de sujeitos sociais e políticos, numa reprodução de adultocentrismo.

Mas o que seria adultocentrismo, esse neologismo pouco conhecido? Adultocentrismo se constitui numa relação hierárquica geracional, que sobrepõe o poder do adulto sobre a criança, num processo que deslegitima o trabalho, o saber, a língua e a cultura dos sujeitos-infantis, em detrimento da atuação adulta. Deste modo, afirma Santiago e Faria (2015, p. 73), ocorre no processo adultocêntrico uma “invisibilidade das crianças desde o nascimento enquanto sujeitos históricos, [onde] o protagonismo dos meninos e das meninas é apagado na busca da construção e legitimação de um modelo de indivíduo e sociedade”. Assim, a infância, na perspectiva adultocêntrica – presente de forma hegemônica, sobretudo na sociedade ocidental – “é um período de transição e de aquisição dos elementos simbólicos presentes na sociedade, tendo a criança, uma condição de ser menor, ser inferior, lugar que lhe é dado pelo grupo dominante correspondente: os adultos e as adultas” (*ibidem*).

A história das ciências sociais tem, no entanto, dado provas de uma crítica e desmistificação sistemáticas das ideologias dominantes do capitalismo em relação à classe social, do colonialismo em relação à raça e do patriarcado em relação ao gênero; contudo, pelo menos até agora, a ideologia do desenvolvimento tem-se mantido relativamente intacta no que diz respeito à infância” (JENKS, 2002, p. 188).

O sociólogo José de Souza Martins (1991, p. 51), afirma que, historicamente, “as ciências sociais têm, num certo sentido, uma concepção definida de quais são as fontes aceitáveis e respeitáveis do dado sociológico”, e deste modo, o informante privilegiado é geralmente um homem, comunicativo e adulto. Isso porque, continua ele, “o pesquisador quase

sempre pressupõe e descarta, no grupo que estuda, uma parcela de seres humanos silenciosos, os que não falam”. Talvez com exceção da antropologia, afirma Martins (1991, p. 55), “as ciências humanas não têm sido capazes de decifrar o silêncio daqueles que não foram eleitos pelo saber acadêmico como informantes válidos dos pesquisadores”. E nas entrevistas realizadas por ele com pessoas envolvidas em conflitos de terra no Mato Grosso e Maranhão durante as décadas 70 e 80, lhe chamava atenção que “nessas horas estivesse presente [...] grupo numeroso e atento de um público que, aparentemente, não se sentia no direito de falar e perguntar. Refiro-me às crianças. Esse grupo que não fala, mas ouve muito” (MARTINS, 1991, p. 56).

Com efeito, essa noção das crianças como mudas, silenciosas, nos remonta ao significado etimológico da palavra infância: do latim *infans*, iniciado a partir do prefixo *in-*, com sentido de negação, aquele que não fala. Com o tempo, nos adverte Santiago Morales e Gabriela Magistris (2018, p. 14), pesquisadores portenhos, “infância foi transformando-se em outra coisa, adquiriu o significado de ‘quem não tem palavra’, ou, em outros termos, aquele que não tem nada interessante a dizer, a quem não vale a pena escutar”. Vale lembrar que a palavra infantil, pelo menos no caso brasileiro, também designa pejorativamente um adulto que não se comporta com seriedade, não obstante, age com infantilidade.

O que chama atenção é que as crianças, sobremaneira as da Ocupação Guarani Kaiowá, são seres falantes, barulhentas, agitadas e comunicativas, e claro, tem muito a dizer, bastando ouvidos atentos para escutá-las. Deste modo me lancei ao desafio, transpor em letras e imagens as palavras, mas também as ações e emoções, dessas criaturas que sabem mais do que parece, considerando, deste modo, que a infância “não é a simples mudez: é a experiência do limite da linguagem. É aquele então que vai buscar palavras para dizer”, sendo muito mais que uma etapa cronológica da vida, mas sim, “[...] uma modalidade de experiência que se localiza em uma esfera transcendental” (Morales; Magistris, 2018, p. 14).

Na tentativa de interpretar as palavras ditas e ações cometidas, realizei, juntamente com observações participantes e oficinas de foto e vídeo com muitas crianças, duas entrevistas: uma coletiva, com duas garotas Guarani (2019)², melhores amigas, uma de 12 e a outra de 13 anos; e a outra individual, com um garoto Guarani (2019), de 11 anos. O processo de escolha foi

² Vale destacar, que neste estudo optou-se por ocultar os nomes das(os) moradoras(es) entrevistados, mantendo o sigilo, intitulando os adultos de Kaiowás e as crianças de Guaranis, por sugestão de uma moradora, que afirmou que na GK “já nasceu muitos Guaranizinhos”.

baseado em três critérios: primeiramente, a afeição compartilhada entre nós, pois era importante uma empatia nessa relação; segundo, pela facilidade de contato e interação, para a realização das entrevistas; e, terceiro, por mapear um evidente protagonismo desenvolvido pelas três, com processos intensos de vivência na Ocupação. Por fim, importante também, a busca por uma diversidade de gênero, dialogando com meninos e meninas.

Em uma das oportunidades, fica evidente o anseio para dizer o que viveram na Ocupação e como pensam essas experiências: “Agora eu vou falar tudo. Tudo, desculpa o que “cê” ouvi aqui, se você quiser falar “tô” nem aí. [...] Eu já me considerei, das crianças, tipo nois duas. Eu achava que era liderança. Sério!”. E continuando a entrevista levada à cabo coletivamente por nós três, a outra criança Guarani (2019), de 13 anos, esclarece o porquê do posto de protagonismo: “Todo dia quando tinha manifestação nois juntava as criança”. Nois juntava um bolin. O ocê vai pra lá, nois vai pra cá. Nois ia pra escola no outro dia toda quemada assim ó. Porque eu não acho justo uma mãe, uma mãe tê condições ir lá e comprar tudo pro filho e a outra veno morano na rua, não tem condições de comprar um chinelo. Eu num acho isso certo. Ai eu falava mermo. Eu expressava tudo, tudo, tudo (CRIANÇA GUARANI, 12 anos, 2019).

A profundidade da reflexão levada a cabo por essas duas crianças, demonstra a importância de se escutá-las com seriedade, reconhecendo a facilidade com que definem a realidade como desigual, ao mesmo tempo que questionam o *status quo* injusto, atuando pela sua transformação, organizando as crianças nos protestos e manifestações. O quanto podemos aprender com suas palavras e práticas, o quanto sou grato pela oportunidade de repensar minhas próprias atitudes, também adultocêntricas.

Constata-se que esse processo de formação do protagonismo infantil, se desenvolve a partir de duas práticas interligadas na vivência das crianças da Ocupação: brincar e lutar. Brincar porque a prática de brincadeiras é uma característica fundante da infância; e lutar, porque a prática da participação política é fundante nos movimentos por moradia.

Figura 2: As crianças e as bolinhas de gude



Fonte: Frederico Lopes, acervo próprio, 2019.

Entrevistador F: “Quando “cê” vai “brinca”, o que “cê” mais gosta de “brinca” aqui?

Criança Guarani: Joga bola.

Entrevistador F: Joga bola. Aonde? Nessa rua ou na outra?

Criança Guarani: Em “qualque” uma. Lá no campo, aqui, lá na “otra”, lá em “baxo” do pé de manga.

Entrevistador F: E Além de joga bola, que mais?

Criança Guarani: Esconde-esconde, pega-pega, só isso”

(CRIANÇA GUARANI, 11 anos, 2019).

Nas falas e emoções expressas pelas crianças, pode-se verificar uma interligação entre os atos de lutar e brincar, que não se separa facilmente, como relatado abaixo, presentes tanto nos momentos mais tensos dos protestos, quanto nos momentos mais calmos da Ocupação, ambos intrínsecos à vida autêntica dos que crescem na GK.

Aí a gente subiu. Aí nos viu que os “adulto” “começou” a “faze” barulho e nos “brincano”, aquele tanto de criança naquela praça lá, que “nois” tava “brincano”, aí “nois” subiu e foi “gritano” assim atravessando a rua e “parano” os “carro”, foi “gritano” e subindo lá pra cima. A gente sempre gostou, desde pequena a gente sempre gostou de “faze” manifestação (Criança Guarani, 12 anos, 2019).

Figura 3: Protesto em frente ao Fórum de Contagem (MG)



Fonte: facebook.com/OcupacaoGuaraniKaiowa/, 2014.

Ao mesmo tempo em que lutam por seus direitos em protestos, as crianças da GK brincam, gritam e ocupam os espaços da cidade. E quando indagadas o porquê de gostarem de fazer manifestação desde pequenas, eis que uma das entrevistadas responde: “É uma coisa que dá “pro” “cê” expressar tudo aquilo que “cê” sente” (Criança Guarani, 12 anos, 2019).

Na busca para expressar o que se sente, as crianças da Ocupação se valem da participação em brincadeiras e lutas, brincando ao mesmo tempo que lutando, lutando ao mesmo tempo que brincando, não só pelo direito à moradia, mas pela autenticidade de se viver, essa experiência transcendental, que é a infância.

Procurando palavras para dizer, expressando aquilo que se sente, a garota Guarani (2019, 12 anos) prossegue, descrevendo seu sentimento de revolta, e sua crítica à apatia por parte das(dos) moradoras(es) da GK.

Se eu te falar o dia que eu e ela “tava” revoltada que na manifestação tinha mais criança que adulto. Aí tinha assembleia, que toda vez tinha assembleia aqui a noite.

Ai tinha assembleia, e “es” pergunto se eu queria fala, aí “num” queria fala não, aí “es” falo vem falano. Ai todo mundo falo vem. Eu achei foi uma vergonha a manifestação tinha mais criança. E eu pequinininha lá “falano” “falano”. Tinha mais criança que adulto. As criança deixaram de ir pra escola pra vim pra “cá”, enquanto uns e outro tava dentro de casa “fazeno” nada. Quer ter casa mais “num” que lutar? (CRIANÇA GUARANI, 2019, 12 anos).

Ao passo que a outra criança (2019, 13 anos) sentencia: “Ganhar casa de mão ‘bejada’ é fácil”. A compreensão da importância da luta para conquista dos direitos básicos é uma característica do processo de formação de se crescer em uma Ocupação, aprendendo desde muito cedo que nessa vida nada é dado, mas conquistado com muito esforço, questionando a facilidade das coisas vindas de “mão beijada”.

Muitas mobilizações e protestos foram levados a cabo pelas moradoras(es) e apoiadores da GK nesses seis anos de existência. Marchas até a Prefeitura de Contagem, ocupações de prédios públicos, protestos no centro de Belo Horizonte e Cidade Administrativa do Governo de Minas Gerais, fechamentos de avenidas e rodovias, além das mobilizações nas audiências realizadas nos Fóruns. Em todas formas de mobilizações, estavam presente com seus corpos e vozes, as Guaranis, crianças que crescem na luta pela moradia e reconhecimento da GK.

Entrevistador F: “Vários protestos que teve aqui na GK, “cê” participou?”

Criança Guarani: De reunião?

Entrevistador F: Os protestos, as “manifestação” em BH...

Criança Guarani: Nunca fui.

Entrevistador F: Por quê?

Criança Guarani: Porque... eu fui só no dia quando eu fui, eu não fui daqui, eu fui lá da Guarani... não naquela invasão que saiu dali ó.

Entrevistador F: Willian Rosa?

Criança Guarani: Hahã. Não, causo que minha irmã morava lá, ai eu e minha mãe tinha que “i” né? “Pá”minha irmã, que “mora” lá em Neves”.

Entrevistador F: Mais “cê” falo que nunca foi em protesto. Aquele dia lá do fórum dentro do ônibus “cê” foi comigo.

Criança Guarani: Hãh?

Entrevistador F: Aquele dia que nos “foi” lá pro fórum.

Criança Guarani: Ahh... Aquele dia.

Entrevistador F: Que nos “fíco” filmando.

Criança Guarani: Ah... Eu fui. Isso aí que é “manifestação”?

Entrevistador F: É! O protesto.

Criança Guarani: Eu fui.

Entrevistador F: Então ... “cê” já foi em mais?

Criança Guarani: Não, só em duas. Foi de lá e essa aí.

Entrevistador F: Mais teve vários!

Criança Guarani: Mais eu “num” fui não. Minha mãe “num” “dexo” não.

Entrevistador F: Porque que ela “num” “dexe”?

Criança Guarani: Porque ela tem medo de da tiro de borracha. “Mai” no dia quando deu lá ó, deu um tiro de borracha, nenhum fíco de “baxo”, o “primero” saiu vazado. Minha mãe foi tão “esperta, ela “tava” em cima, aí ela “tava” “segurano” a “bandera” né? Aí ela é esperta, ela “solto” a “bandera” no chão e foi atrás do cara do caminhão. Nó, eu fui e corri lá “pá” “dento” do ônibus. Fique “quetinho” lá, “num” vi ninguém

na hora que “paro” os “tiro”. Ai né? Eu vi todo mundo agachado assim, ai os “policial” “deu” é spray assim de pimenta, ai os “menino” até “passo” mal.
Entrevistador F: “Pego” no “cê” o spray?
Criança Guarani: “Pego” no meu oi assim ó, ai depois eu fiquei assim ó, aí eu sai “andano”. “Quais” que eu “bato” no poste”
(CRIANÇA GUARANI, 11 anos, 2019).

Esses sujeitos aprendem desde a mais tenra idade que é vital para a vitória definitiva, a união e organização política da Comunidade. Em março de 2017, por exemplo, um importante ato reuniu moradores de quatro ocupações da cidade de Contagem: Povo Brasileiro, Willian Rosa, Marião, juntamente com a Guarani Kaiowá. Integrantes das quatro ocupações juntas, em grande parte crianças, saíram às ruas reivindicando o reconhecimento e a posse dos terrenos ocupados, com manifestação na porta da Prefeitura de Contagem. Na nota publicada assim se expressou o anseio coletivo:

Reivindicando o direito à cidade que não pode ser entendido somente como o direito ao usufruto dos espaços urbanos e seus serviços essenciais, mas como, sobretudo, o direito a transformá-lo à nossa maneira de ser, pensar e existir, as famílias das ocupações urbanas iniciaram a construção de bairros na cidade segundo suas necessidades e desejos mais sinceros (BRASIL DE FATO, 2017).

No Brasil um caminho aberto para a compreensão do papel das crianças dentro dos movimentos sociais são as pesquisas realizadas com os “sem-terrinha”, as crianças do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Luciana Oliveira Correia (2004) analisa “Os Filhos da Luta pela Terra”, destacando que “a dinâmica da luta é parte integrante da experiência infantil de cada uma daquelas crianças[...], e também entendê-las como sujeitos ativos da história deste acampamento e do MST”. Edna Araújo Rosseto (2009), busca na prática da Ciranda a compreensão para a formação educativa das crianças do MST, afirmando que “nesse espaço, as crianças sem terra constroem as relações entre si, com as pessoas adultas e com a comunidade. Aprendem viver coletivamente”. Ao passo que, Márcia Mara Ramos (2016), investiga a relação entre o trabalho e a educação na constituição da infância do Movimento, salientando as Jornadas dos Sem Terrinhas, para a “organização infantil a partir da realidade concreta da luta do MST, criando uma organização para além do processo institucional da escola”.

Os estudos que objetivam a compreensão de movimentos sociais a partir da vivência infantil ainda são restritos, destacando-se os estudos voltados para o MST. Contudo, é preciso ampliar o leque de movimentos a serem estudados a partir da perspectiva de participação das crianças. Tal como realizado nessa empreitada de investigação da GK, é necessário transpor

obstáculos advindos da visão hegemônica da criança como ser incompleto, bloqueando seu reconhecimento político e social.

Além disso, necessário salientar que como o próprio nome já diz, movimento é algo em transformação contínua, o que dificulta o processo de análise, correndo sempre o risco de perenizar uma realidade em permanente mudança. Deste modo, constata-se que o envolvimento das crianças não é estanque, sendo marcado em alguns momentos de maior engajamento e outros de afastamento, de acordo com a dinâmica da família, do trabalho, da escola e de tantas outras coisas que envolvem suas vidas. Como, por exemplo, no afastamento, relatada por uma das crianças entrevistadas: “Hoje eu me calei um pouco. Quebrei muito a cara. Eu fui “falano”, fui “falano”, fui “falano” e os outros “achava” que eu queria ser melhor que as pessoas. Aí eu parei” (CRIANÇA GUARANI, 2019).

O fato de serem protagonistas, lideranças infantis, muito falantes e atuantes, gera também incômodos no interior da Comunidade, desafios que todo lugar de destaque apresenta. Ao buscarmos entender o processo de formação desses sujeitos crianças, buscamos o entendimento do processo participativo na organização da Ocupação, analisando o protagonismo infantil ali presente, mesmo que esse protagonismo não seja estático, mas uma manifestação de diferentes maneiras e intensidades no decorrer do tempo.

Criança Guarani (12 anos): “Hum meu “fi”, “nois” fazia nó...

Criança Guarani (13 anos): Eu tenho a blusa até hoje, que fazia pra manifestação, era um por todos. Até hoje. Eu guardo tudo.

Criança Guarani (12 anos): É ... “Nois” por “nois”. Era “Num” era? “Nois” por “nois” a “brusa”.

Criança Guarani (13 anos): Acho que era. Eu era pequinininha, a “brusa” era pequinininha assim.

Criança Guarani (12 anos): A gente ia pra manifestação Colocava era fogo.

Criança Guarani (13 anos): Ô saudade!

Criança Guarani (12 anos): Nós “coloco” era 5 mil pessoas naquele centro”

(CRIANÇA GUARANI, 12 e 13 anos, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percorremos nesse estudo, uma trilha de histórias dos sujeitos da Ocupação. Caminhamos pelas suas ruas, suas casas, pisando nesse chão, acompanhado lado a lado por moradoras(es) e apoiadoras(es) - bebês, crianças, adultos e idosos. Quanto mais aquele território me tornava familiar, mais eu sentia necessidade de expandir o horizonte de análise para fora também de seus domínios. De perto e de longe, do singular ao universal, do peculiar ao

genérico, assim na tentativa dialética, de ver, sentir, pensar, enfim, viver a realidade que me rodeia.

Nesse ato de escrever, reescrever, transcrever, tentar passar para o papel, tempos e espaços dialéticos - que se processam na produção social daquele espaço específico – penso na condição infantil atual, com a situação das crianças ao redor do globo, dos meninos e meninas moradores de rua, das crianças exploradas, mutiladas dos seus sonhos.

Eduardo Galeano (2009), pensador uruguaio, descreve como a condição das crianças comprova que a realidade está “de pernas pro ar”, numa “escola do mundo ao avesso”:

Na América Latina,
Crianças e adolescentes somam quase a metade da população total.
Metade dessa metade vive na miséria.
Sobreviventes: na América Latina,
a cada hora, cem crianças morrem de fome ou de doenças curáveis,
mas há cada vez mais crianças pobres em ruas e campos dessa região
que fabrica pobres e proíbe a pobreza.
Crianças são, em sua maioria, os pobres;
e pobres são, em sua maioria, as crianças.
E entre todos os reféns do sistema, são elas que vivem em pior condição.
A sociedade as espreme, vigia, castiga e às vezes mata;
quase nunca escuta, jamais a compreende.
[...] Dia após dia nega-se às crianças o direito de ser crianças.
Os fatos, que zombam desse direito,
ostentam seus ensinamentos na vida cotidiana (GALEANO, 2009).

Apesar da realidade cruel em que vivem meninos e meninas de todo o mundo, especialmente na América Latina, ainda existe poesia, uma poética de resistência. Escrevendo essas linhas agora, brincando de concluir meu texto, lutando para finalizar, após os seis anos de vivência, me percebo tocado por todas essas experiências que foram desenvolvidas junto às meninas e meninos GK, não sendo possível me ater à uma escrita fria, neutra, pseudocientífica, como se a relação entre sujeito-objeto fosse estanque e refratária, condicionada em dois polos autônomos. Pelo contrário, estou prenhe, imbuído de todas as relações infantis desenvolvidas nesse processo, que para além de acadêmico, é humano, me tornando também, com todas ressalvas possíveis, um GK.

As crianças GK atravessaram meu caminho investigatório, e nesse processo constatei, a primeira conclusão que podemos sublinhar: sem as crianças não haverá revolução ou transformação social possível, rematando – a revolução será infantil ou não será. De outro modo, lembrando Emma Goldman, as crianças afirmam: se não pudermos brincar, então não é nossa revolução.

E já que as crianças GK brincam, e brincam muito, sobretudo à sombra do Pé de Manga, ao mesmo tempo que lutam por transformações e dias melhores, eis aqui uma análise dessa importante história de resistência, de luta pelo direito à terra e moradia, daqueles que não se conformam diante das injustiças, que ao invés de lamentarem, se organizam e buscam transformações com as próprias mãos.

Ainda muito há de ser feito, é preciso garantir a posse do terreno, mostrar para o Poder Judiciário que ilegal não é a Ocupação, mas sim a situação anterior dos antigos proprietários que deixaram o terreno abandonado. É propedêutico afirmar sua ética, inclusive sua legalidade, enxergar não só na GK, mas em todas Ocupações de terras, sejam elas urbanas ou rurais, a solução para muitos problemas sociais existentes em nosso país, desde o combate ao déficit habitacional e problemas urbanos, passando pela produção de alimentos, até diminuição da criminalidade.

A Comunidade GK com seus seis anos de existência inicia uma nova etapa, buscando a regularização fundiária, com a concretização urbanística do bairro, sendo as novas demandas, a captação de água e luz formais, saneamento básico para todas as casas e endereço fixo como todo cidadão tem direito, e, por fim, o reconhecimento que ela já faz parte da história da cidade de Contagem.

Pode-se afirmar que, em diálogo com o pensamento de Ernst Bloch e Paulo Freire, a organização da Ocupação Guarani Kaiowá é uma busca incessante de utopia concreta, pois efetiva, mesmo que sob todas as precariedades, a utopia do direito à moradia ao mesmo tempo em que busca o direito à cidade.

Mas não estamos falando da ideia de utopia contida comumente nos dicionários: fantasia, quimera, projetos irrealizáveis. Mas sim a utopia concreta de Ernst Bloch (2005 e 2006), com sonhos e esperanças de dias melhores, na luta pela antecipação do futuro no presente. Assim, utopia seria um topos realizável, possível e real. Somos seres de desejo, e sonhamos que nossos desejos um dia sejam realizados, pois, “o desejo de ver as coisas melhorarem não adormece” (BLOCH, 2005, p. 79).

Pensamento convergente apresenta o educador Paulo Freire (1992, p. 9), que nos adverte que sonho e utopia são atacados de inúteis e também inoportunos, mas “são elementos que fazem necessariamente parte de toda prática educativa desocultadora de mentiras dominantes”.

E até aqui nosso principal resultado alcançado é a constatação do protagonismo infantil na organização da Ocupação Guarani Kaiowá. As crianças da ocupação não são meras

coadjuvantes, como geralmente imaginamos ser, pelo contrário, contestando o adultocentrismo que invisibiliza a atuação de meninos e meninas, elas se mostram na linha de frente da organização, participando das Assembleias Coletivas, Protestos e Manifestações, e sempre presentes no trabalho cotidiano da comunidade.

Arremate-se que tornando sonhos em realidade, essas crianças brincam ao mesmo tempo em que lutam, sem negligenciar que a terra é por direito de quem faz dela viva.

REFERÊNCIAS

ALDERSON, P. As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa. **Educ. Soc.** (Campinas) Vol. 26, n. 91, p. 419-442, Maio/Ago, 2005.

BLOCH, E. **O Princípio Esperança**. Rio de Janeiro: Contraponto, Vol. 1 e 2, 2005.

BOULOS, G. Apresentação. In: Engels, F. **Sobre a Questão Urbana**. São Paulo: Boitempo, 2015.

CORREIA, L. O. **Os Filhos da Luta Pela Terra: As Crianças do MST**. [Dissertação de Mestrado] Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais – Faculdade de Educação, 2004.

DIAS, M. T. F. **As ocupações urbanas em Belo Horizonte: (re)construindo a justiça espacial nas metrópoles**. Anais III Congresso Internacional Espaços Comuns e as Cidades de Exceção, Belo Horizonte, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.

GALEANO, E. **De Pernas pro Ar: a escola do mundo ao avesso**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

HARVEY, D. A liberdade da cidade. In: **Cidades Rebeldes**. São Paulo: Boitempo, 2013.

JENKS, C. Constituindo a Criança. **Revista Educação, Sociedade & Culturas**, 2012.

LEFEBVRE, H. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LOPES, F. Brasil de Fato. **Ocupar e Comemorar: 4 anos de luta na Ocupação Guarani Kaiowá**. 2018. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/04/17/ocupar-e-comemorar-4-anos-de-luta-na-ocupacao-guarani-kaiowa-em-contagem-mg/>>.

LOURENÇO, T. C. B. **Cidade Ocupada**. [Dissertação de Mestrado em Arquitetura] Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

MAIA, M. N. P. **Militantes e moradores de um ocupação: uma etnografia da Ocupação Emanuel Guarani Kaiowá**. [Monografia de Conclusão de Curso em Ciências Sociais] Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

MARTINS, J. S. Regimar e seus amigos: a criança na luta pela terra e pela vida. In: **O massacre dos inocentes**. São Paulo: Editora Hucitec, 1991.

MORALES, S.; MAGISTRIS, G. (orgs.) **Niños em Movimento: del adultocentrismo a la emancipación**. Buenos Aires: Editorial El Colectivo, 2018.

PERICLES, L. **As ocupações urbanas, a luta por moradia e o direito à cidade**. Brasil de Fato, Belo Horizonte, 06 de dezembro de 2016.

RAMOS, M. M. **Educação, Trabalho e Infância: contradições, limites e possibilidades no movimento dos trabalhadores sem terra**. [Dissertação de Mestrado] Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação, 2016.

ROSSETTO, E. R. A. **Essa ciranda não é minha só, ela é de todos nós: a educação das crianças sem terrinha no MST**. [Dissertação de Mestrado] Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação, 2009.

Submetido em: 01 de novembro de 2021.

Aprovado em: 25 de março de 2022.

Publicado em: 10 de agosto de 2022.